

Humor e contemporaneidade: uma análise dos textos do colunista Tutty Vasques

Diogo Silva Chagas

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil
chagasdiogos@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.777>

Resumo

O presente artigo propõe uma análise dos textos humorísticos do jornalista e colunista Tutty Vasques, que publicava uma coluna e um *blog* no jornal *O Estado de S. Paulo*, com o propósito de identificar os recursos e técnicas de que o autor se vale para produzir o efeito de humor em seus textos. A pesquisa se embasa em referenciais teóricos do campo da Análise do Discurso, principalmente nos trabalhos de Maingueneau e Possenti.

Palavras-chave: humor; Análise do Discurso; contemporaneidade.

Humour and Contemporaneity: an Analysis of the Texts Written by the columnist Tutty Vasques

Abstract

The following paper aims to analyse humoristic texts by the journalist and columnist Tutty Vasques, who used to publish his texts in a column and in a blog belong to newspaper called *O Estado de S. Paulo*, in order to identify the resources and techniques used by the author to produce the humour effect in his texts. This research is based on the theoretical framework of Discourse Analysis, mainly the works of Maingueneau and Possenti.

Keywords: humour; Discourse Analysis; contemporaneity.

Considerações Iniciais

Considerando o discurso como o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos, é importante entender os processos de formação discursiva (FD), levando em consideração o fato de que o discurso materializa uma ideologia que é, por sua vez, materializada na matéria linguística. As teorias de análise discursiva apontam para questões da materialização discursiva e da relação entre os discursos e suas condições de produção.

Em Maingueneau (2008), são apresentadas características do discurso bastante importantes levando em consideração sua circulação. Entre as características apresentadas pelo autor, figura a noção de destacabilidade a qual trata de trechos discursivos que circulam isolados do seu contexto original e que, por muitas vezes, podem provocar o que o analista chama de efeito aforizante. Outra questão muito importante a ser considerada é o que

Possenti (2007) salienta, a saber, acerca da relação entre o discurso e suas condições de produção.

O presente trabalho objetiva analisar uma forma de materialização linguística: o humor. Para tal, atentamo-nos aos textos do jornalista e colunista Tutty Vasques, de caráter humorístico, que se caracterizam por sua concisão, em sua maioria, e que provocam um efeito de humor sempre relacionado a acontecimentos contemporâneos ao texto, aspecto que pode ser tratado com os conceitos propostos por Maingueneau. O *corpus* compreende uma seleção de textos do autor no período de junho a dezembro do ano de 2013, período que comporta uma amostra significativa favorável aos objetivos da pesquisa.

Para analisar o *corpus*, serão utilizados referenciais teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), em especial os trabalhos de Maingueneau e Possenti. Com esse embasamento teórico, será procedida a análise de forma a verificar possíveis traços que caracterizam os textos de Tutty Vasques, isto é, explicitar os recursos linguísticos mobilizados pelo autor, verificando a produtividade de categorias de análise tais como a de *ethos*, a de destacabilidade, dentre outras.

Percurso Teórico

Antes de partir para a análise dos textos, algumas noções teóricas devem ser retomadas para norteá-la. Para embasar a análise lançamos mão de alguns conceitos como os de *destacabilidade*, *aforização*, *sobreasseveração* e *participação*, bem como o de *ethos discursivo* e a própria noção de *discurso*.

A começar, apresentamos a noção de discurso, que Brandão (2004) define como sendo “o efeito de sentido construído no processo de interlocução” e que se opõe à concepção de linguagem como sendo apenas veículo de transmissão da informação. Orlandi (s/d *apud* BRANDÃO, 2004, p. 106) considera que o “discurso não é fechado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor”, o que é dito é significado em relação ao que não é dito, “ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos”.

É preciso considerar que os sujeitos falam de um lugar social, ou seja, que seu discurso estará, mesmo que inconscientemente, regulado, controlado por um conjunto de regras oriundas do lugar que eles ocupam. Em Pêcheux (2014, p. 147), dá-se o nome de formações discursivas (FD), definidas como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de lutas de classes, determina o que *pode e deve ser dito*”.

A noção de formação discursiva está atrelada à questão do interdiscurso e é, ainda, uma noção de difícil definição. Em Maingueneau (2012), esse conceito retoma a concepção dada por Foucault e, depois, por Pêcheux. Enquanto que para Pêcheux tem-se a definição destacada acima, para Foucault, a noção estaria muito ligada às ideologias sociais que regem certo grupo social. Como se torna difícil definir com precisão o que seria uma FD, Maingueneau (2012, p. 393) opta pelo uso do termo *posicionamento* e o define como sendo algo referente “à posição que um locutor ocupa em um campo de discussão, aos valores que ele defende, que caracterizam reciprocamente sua identidade social e ideológica”.

É, então, por intermédio da linguagem-discurso que, além de haver interação com o mundo, há uma demarcação de formações ideológicas as quais se assujeitam os sujeitos em suas práticas linguageiras. Nesse sentido, Orlandi (2007) situa o discurso como a palavra em movimento, ou seja, como uma prática da linguagem. A autora afirma que a Análise do Discurso toma a linguagem como mediadora necessária entre o homem e o meio social-natural em que vive, trabalhando com a língua, portanto, não mais como um sistema abstrato, mas “com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (ORLANDI, 2007, p. 16).

Destaca-se o fato de que as ideologias não podem ser tomadas apenas como ideias, assim como ressalta Althusser (1970, p. 89), mas que tais ideias são “atos materiais inseridos em práticas materiais”. Nesse sentido, o que deve ser destacado é que há influência sócio-histórica na produção dos discursos, materializada nos textos, uma vez que, para a AD, os sentidos são historicamente construídos.

Em se tratando do campo do humor, Possenti considera que, na materialização de discursos em textos, os textos humorísticos (ou piadas, do que trata mais especificamente o linguista) “são bons exemplos para explicitar princípios de análise linguística” e “são bons argumentos para teses ligadas às teorias textuais e discursivas” (POSSENTI, 1998, p. 37). O autor ainda destaca o fato de que textos de humor são materiais que auxiliam na investigação das condições de produção, e afirma que “as piadas só podem ocorrer num solo fértil de problemas” (POSSENTI, 1998, p. 37).

Ainda de acordo com Possenti (1998), nas piadas ou no discurso humorístico, há sempre uma relação intertextual ou o uso de estereótipos e, ainda, destaca que estes textos “veiculam, além do sentido mais apreensível, uma ideologia, isto é, um discurso de mais difícil acesso ao leitor” (p. 38-39).

Os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa são retirados do *blog Tutty Humor* e são de autoria do colunista d’*O Estado de S. Paulo* Tutty Vasques. Não se trata necessariamente de piadas, mas sim de textos que abordam temas gerais com estratégias textuais que geram o efeito de humor.

Em artigo que reflete sobre “humor e grandes frases”, Possenti (2012) discorre sobre o fato de que há frases que circulam e que não têm efeito humorístico, mas que “abastecem polêmicas”, sendo exemplos do que Maingueneau (2008) propõe ser um *percurso*, ou seja, frases que circulam por várias formações discursivas. Possenti (2012) analisa algumas frases que não são, por si só, de caráter humorístico, e diz que o efeito de humor se deve, normalmente, por um “deslocamento de certas frases de seu campo original” (p. 217), que em geral saem de um campo alto para um campo baixo (no caso analisado pelo analista, Igreja vs. Sexo).

As frases que são deslocadas de um campo ao outro são destacadas de textos maiores em que estão inseridas, e passam a circular de forma autônoma. Para dar conta desse fenômeno, Maingueneau (2008) propõe a noção de destacabilidade, relacionando-a aos conceitos de aforização e de sobreasseveração. Para o linguista, quando uma sequência textual é destacada e sofre alterações em relação ao texto fonte, essa sequência é

sobreesseverada. Podemos observar sequências sobreesseveradas em títulos e intertítulos de matérias jornalísticas, por exemplo.

Entretanto, não é necessário que as frases sejam destacáveis/sobreesseveradas para serem destacadas. Maingueneau (2011, p. 16) ressalta que enquanto a sobreesseveração “põe em evidência uma sequência sobre um fundo textual, a aforização – ou mais precisamente a enunciação aforizante – confere um estatuto pragmático específico a um enunciado desprovido de contexto”. Assim, o analista propõe que a enunciação obedece a dois regimes diferentes: o textualizante, que inscreve os textos em gêneros discursivos e o regime aforizante que se caracteriza pela “pretensão ilocutória” de certos enunciados, a de soarem como verdades, como uma espécie de sentença.

Maingueneau (2008) propõe, também, além dos conceitos de aforização e de sobreesseveração, a noção de particitação e de hiperenunciador. O autor se interessa por um sistema de citação, a particitação (palavra-valise que funde “participação” e “citação”) que, diferente da citação tradicional, em que se mobiliza um enunciado de um outro, cita enunciados autônomos, conhecidos de todos, sem que a fonte seja explicitada. Os casos de particitação apresentados pelo analista são, por exemplo, a enunciação proverbial, os gritos de torcida, as orações, enunciados que pertencem ao “tesouro” de uma comunidade.

A noção de hiperenunciador diz respeito à instância enunciativa, ao ponto de vista que está ligado à instância de particitação: a comunidade recorre a um Ponto de Vista (PDV) em torno do qual existe um acordo, um hiperenunciador que teria “por referente entidades de alguma forma transcendentais” (MAINGUENEAU, 2008, p. 103).

Como apresentamos, os textos do colunista Tutty Vasques tratam de temas variados e utilizam informações da atualidade, em sua maioria questões ligadas à política. Em relação a essa temática, vale citar a classificação de Possenti (1998) sobre “humor político”, que o divide em duas categorias: 1) textos de temas generalizantes e atemporais; 2) textos que acompanham temas contemporâneos à criação dos textos humorísticos, característica comumente observada em charges, normalmente de primeira página de periódicos de circulação diária.

Os textos do colunista Tutty Vasques podem ser relacionados a essa segunda categoria proposta por Possenti (1998), pois, ao invés de fazer críticas gerais, mobilizam um apanhado de temas relacionados à contemporaneidade, sendo um humor historicamente localizado.

Outro conceito mobilizado, levando em consideração o *corpus* a ser analisado, é a noção de *ethos*, que, de acordo com Maingueneau (2008), refere-se à imagem construída pelo leitor daquele que enuncia, de sua voz/tom. O linguista ressalta que a categoria de *ethos* é bastante instável, mas o fenômeno é único e presente. Auchlin (2000, p. 14) propõe que “o *ethos* responde a questões empíricas efetivas, que têm como particularidade serem mais ou menos como extensivas ao nosso próprio ser, relativas a uma zona íntima e pouco explorada de nossa relação com a linguagem”.

O corpus

Como apresentamos, o *corpus* analisado é composto de textos retirados do *blog* de Tutty Vasques, que escreve diariamente nesse *blog* e, de terça a sábado, em uma coluna do jornal impresso *O Estado de S. Paulo*. Tanto o *blog* quanto a coluna no jornal impresso se intitulam *Tutty Humor*, sendo que o *slogan* do *blog* é *Má notícia é a maior diversão*. O período que compreende a seleção do *corpus* se refere ao intervalo de junho a dezembro do ano de 2013, num total de 1.299 textos publicados.

Dentre os textos publicados, 434 foram destacados para os dados de nossa pesquisa e, desses textos destacados, 15 foram selecionados para a análise e exemplificação das características observadas. A seleção foi feita levando em conta a observação de recorrências que foram tomadas como características do estilo do autor e por materializar discursos polêmicos, que circularam no período selecionado. São textos que abordam os temas e acontecimentos contemporâneos ao período em que:

- uma série de manifestações populares foi deflagrada;
- uma polêmica envolvendo Marcos Feliciano e sua presidência na Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM), havia emergido, bem como uma acerca do projeto “Cura Gay”;
- o Papa Francisco viera ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude (JMJ);
- o esquema de espionagem dos Estados Unidos, por meio da National Security Agency (NSA), por intermédio da denúncia feita por Edward Snowden, fora descoberto.

Os textos do colunista e blogueiro Tutty Vasques são caracterizados por serem, em sua maioria, textos curtos com um tom humorístico que é construído por recursos linguísticos/estratégias de que se vale o autor. Vejamos quais são esses recursos.

Análise dos textos

Como apresentado, os textos de Tutty Vasques se valem de uma relação direta com tópicos e temas recorrentes no período de sua publicação e circulação. O estilo dos textos se caracteriza por ocorrências de destacamento, já que o autor destaca pequenas frases sobre temas que circulam no momento da publicação, normalmente temas políticos.

Os enunciados destacados que entram na composição dos textos do colunista são, em geral, falas da oralidade e de uso popular. O recurso de retomar enunciados conhecidos permite aproximar o autor de seu leitor, já que o texto fica semelhante a uma conversa entre amigos. A convivência se estende à avaliação do autor sobre o assunto tratado, uma avaliação irônica e perspicaz, que gera o efeito de humor.

São exemplos de expressões conhecidas: “ô, raça!”, “mal comparando”, “imagina se [...]!”, “caramba!”, “Aí tem!”, que aparecem tanto no corpo do texto quanto no título, como podemos ver nos exemplos selecionados abaixo:

- (1) As ações da OGX, petroleira de Eike Batista, oscilaram hoje entre R\$ 0,19 e R\$ 0,23 no Ibovespa.

Não é nada, não é nada, são os mesmos R\$ 0,20 que acordaram o gigante no Brasil. (VASQUES, *Mal comparando*, 1 out. 2013)

- (2) Em 1 ano, o Brasil cresceu 7.085.828 habitantes, fora os médicos cubanos residentes, que só serão computados pelo IBGE na aferição de julho de 2014, se é que vão ficar para a Copa! (VASQUES, *Imagina na Copa!*, 30 ago. 2013).

- (3) Médico importado é coisa de pobre!

A classe A brasileira faz questão de ir a Boston (EUA) quando quer se tratar! (VASQUES, *ô, raça!*, 28 ago. 2013)

- (4) De um jovem brasileiro, católico fervoroso, muito bem impressionado à primeira vista com os peregrinos argentinos que estão chegando aos milhares para a visita do papa Francisco ao Brasil:

“Nem parecem argentinos, caramba!” (VASQUES, ...*ô, raça!*, 18 jul. 2013)

O enunciado “ô, raça!”, que aparece de forma recorrente nos textos do autor, funciona como um comentário irônico e bem-humorado sobre o assunto abordado e, como apontado, pode aparecer tanto no título quanto no corpo de alguns dos textos. Esse enunciado é utilizado para indicar discordância a algo ou atitude provindo de um outro sujeito ou grupo. São exemplos os textos “ô, raça!”, publicado no dia 6 de julho de 2013, e “*Agenda positiva*”, do dia 19 de outubro de 2013. Na sequência:

- (5) Todo rico é assim:

Acha que 20 centavos fazem muita diferença na cotação do dólar e nenhuma diferença na passagem de ônibus. (VASQUES, *ô, raça!*, 6 jul. 2013)

- (6) É impressionante como o horário de verão nunca deu errado no Brasil!

Essas coisas a oposição não vê – ô, raça! (VASQUES, *Agenda positiva*, 19 out. 2013)

Em *ô raça!*, o tema em voga é a questão dos R\$0,20 a mais cobrados na passagem de ônibus, que gerou uma série de manifestações e protestos. A estratégia utilizada para causar efeito de humor é evidenciar uma contradição no posicionamento da classe social dita “rica”, como indica o autor, que valoriza a queda de R\$0,20 na cotação da bolsa de valores, mas menospreza a revolta popular da classe usuária do serviço de transporte público. A expressão “ô, raça!”, que aparece no título da postagem, critica e censura essa disparidade, reforçando o efeito de humor.

O segundo texto, *Agenda Positiva*, é organizado com base na ideia (estereótipo) de que tudo dá errado no Brasil, que aparece no início do *post*. Temos, ainda, o enunciado “ô, raça!” antecedido por “Essas coisas a oposição não vê”. A favor da situação no Brasil, o autor destaca o fato de que o horário de verão, com sua regularidade, não seria um problema. Todavia, o argumento de defesa não tem peso/força, na medida em que não há fatores que tenham interferência negativa sobre o horário de verão, pois nunca deu errado. Assim, não se trata de uma defesa do governo brasileiro, mas de uma crítica irônica, que indicia uma adesão ao posicionamento “da oposição”.

A leitura dos *posts* também permite a construção de um *ethos*, uma imagem que o leitor atribui à instância enunciativa. Trata-se de um *ethos* irônico e debochado, bem de acordo com o tratamento conferido pelo blogueiro às questões apresentadas em seus *posts*.

Sem dúvida, o enunciado “ô raça” é um dos lugares dos textos onde o leitor se apoia para elaborar o *ethos* da voz que enuncia.

Em *Prenúncio do pior*, texto publicado em 17 de julho de 2013, há referência a dois tópicos em voga no período de publicação: a onda de protestos populares e a vinda do Papa Francisco ao Brasil para participar da Jornada Mundial da Juventude (JMJ). Vejamos o *post* abaixo:

- (7) De um carioca tentando voltar para casa nesta quarta-feira de protestos na cidade:
“Se o trânsito agora já está um inferno, imagina no papa!” (VASQUES, *Prenúncio do pior*, 17 jul. 2013)

O título do *post* já sinaliza o que será nele apresentado, direcionando a interpretação do leitor. O enunciado “Imagina na Copa!” surgiu da onda de protestos contra a Copa do Mundo 2014, em 2013. Os manifestantes o utilizavam para se referir aos problemas por eles apontados (mobilidade, educação, dentre outros) e sua possível intensificação durante o evento.

No texto destacado, primeiro, há um enunciado que tem um caráter apositivo, pois precede e anuncia um segundo enunciado, que surge entre aspas. Trata-se da simulação da fala de um carioca, que expressa preocupação e revolta com o caos da cidade. O enunciado “imagina no papa!” é uma participação, no sentido de que se trata de uma citação sem autor, em torno da qual haveria um consenso.

Possenti (2011) analisa o enunciado “Corinthians, jogai por nós”, que se constrói sobre uma ladainha católica em que há uma súplica à Virgem Maria, que é substituída, no caso, por Corinthians, com a adaptação de “rogai por nós” para “jogai por nós”. Nesse caso, tem-se o que Possenti (2011, p. 61) considera um teste de participação, pois a fórmula atravessa os limites de seu campo, sai do campo religioso e vai para o campo futebolístico, e se adapta por “uma imposição das condições objetivas [...], mas também serve para preservar o caráter de fórmula”, além de explorar um jogo de linguagem.

No caso do enunciado destacado presente no texto *Prenúncio do pior*, temos, pois, um efeito de humor causado pela retomada, seguida de adaptação, do enunciado “imagina na Copa”, sendo possível notar a adesão do autor ao posicionamento crítico à realização da copa no Brasil.

Em *Deus dará*, do dia 29 de julho de 2013, o colunista retoma uma fala do papa Francisco para construir o texto, um caso de aforização. Vejamos:

- (8) A declaração do papa Francisco sobre a sexualidade alheia – “Se uma pessoa é gay e busca Deus, quem sou eu para julgá-la?” – foi bem aceita pela diversidade tribal do Baixo Augusta, com uma ressalva:
“Precisa ver se Deus vai topar, né?” (VASQUES, *Deus dará*, 29 jul. 2013)

Ao mesmo tempo em que o autor se vale da aforização “quem sou eu para julgá-la?”, uma espécie de verdade, há a presença do enunciado “Precisa ver se Deus vai topar, né?”,

que aparece entre aspas, atribuída à “diversidade tribal do Baixo Augusta”, que funciona como uma réplica.

O humor é causado pelo contrassenso da réplica já que o papa é o representante de Deus, logo, não seria necessário “ouvir” a opinião de Deus. A ironia decorre da seleção e confrontação dos enunciados, que deixam a resposta a “Deus dará”, como indica o título. Essa expressão costuma ser utilizada em situações extremas, que devem ficar à espera de uma solução divina.

A polêmica em torno do nome de Marcos Feliciano durante sua presidência na Comissão de Direitos Humanos e Minorias também figura nos textos do colunista. O deputado, além de julgar a homossexualidade como doença passível de cura, e inadmissível no campo religioso, conduziu discussões acerca do projeto “cura gay”, proposto pelo deputado federal João Campos.

Vejamos o texto, *Só o que faltava*, publicado em 19 de junho de 2013:

- (9) Aprovada a “cura gay” em sessão presidida pelo deputado Marco Feliciano, já tem gente na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara falando em “internação compulsória” dos dependentes químicos da coisa. (VASQUES, *Só o que faltava*, 19 jun. 2013)

Nesse texto não há enunciados conhecidos, exceto o título, “Só o que faltava”, que indica um questionamento ou mesmo uma negação. Aparecem duas expressões aspeadas, “cura gay” e “internação compulsória”, que sinalizam que o autor se distancia do posicionamento daqueles que defendem o projeto da cura gay e a internação de dependentes químicos, que havia sido estabelecida por ordem judicial.

A expressão “dependentes químicos da coisa”, no entanto, cria um contraste com o trecho anterior (as expressões aspeadas), pois é revestida de tom irônico, sinalizando uma possível adesão do autor ao projeto “cura gay”, à ideia de que a homossexualidade, ou a prática homossexual (“a coisa”), provocasse uma “dependência química” passível de tratamento e cura.

Outro texto é *Cura porco*, de publicação do dia 9 de setembro de 2013, em que há, no caso, um exemplo de captação com subversão.

- (10) Agora na TV Record, Rafael Cortez deu para dizer que foi um palmeirense que virou corintiano depois que trabalhou no ‘CQC’.
Isso quer dizer o seguinte:
Tirante a cura gay, tudo mais tem remédio! (VASQUES, *Cura porco*, 9 set. 2013)

Nesse caso, há uma captação do nome do projeto “cura gay”, adaptando “gay” para “porco”, sendo “porco” uma referência aos torcedores e ao time paulista Palmeiras. Ao enunciar “Tirante a cura gay, tudo mais tem remédio!”, uma paráfrase do trecho anterior, o autor rebate a ideia de que a cura gay poderia de fato curar, posicionando-se contra a própria “cura gay”. A ironia se constrói pela “mistura” do campo médico com o futebolístico.

No texto *Escuta só!*, publicado no dia 21 de junho de 2013, são reunidos enunciados variados para a construção do texto e do efeito de humor.

- (11) Nem sempre é possível escutá-la com nitidez, mas de vez em quando dá para ouvir direitinho a tal “voz das ruas”.
Noite dessas, a “minoridade de vândalos” gritava no Rio:
“Eu sou baderneiro com muito orgulho, com muito amô-or!” (VASQUES, *Escuta só!*, 21 jun. 2013)

Para a análise desse texto, é relevante mobilizar o conceito de *heterogeneidade discursiva*. De acordo com Authier-Revuz (1984), é possível apontar algumas formas de heterogeneidade que mostram a presença do Outro no discurso. Essa heterogeneidade pode ser marcada ou não, marcas observadas no discurso relatado (direto ou indireto), em que fica evidenciada a inserção da fala de outros enunciadores, e também em formas mais complexas em que não é possível notar a presença do outro na materialidade linguística, como no discurso indireto livre, na ironia, alusão, imitação, dentre outras.

O título é formado por um enunciado “Escuta só”, equivalente a “preste atenção na história que vou te contar”, que permite estabelecer uma interlocução direta com o leitor. Na sequência, no corpo do texto, dois enunciados, marcados por aspas, indicam a voz do Outro: “voz das ruas” e “minoridade de vândalos”. Na primeira, o termo que a antecede “a tal” já sugere sua inadequação, que é reforçada pelo uso que o autor faz das aspas; na segunda, a mesma função, a expressão muito recorrente nas mídias no período de manifestações pelo autor não faz parte do discurso do autor.

A rejeição também é construída por meio da ironia, pela forma com que os enunciados aparecem no texto, pela expressão “Nem sempre é possível”, e pelo uso do diminutivo “direitinho” (“dá para ouvir direitinho a tal ‘voz das ruas’”).

O efeito de humor decorre da forma com que o autor conclui o texto, por meio de um trocadilho, “Eu sou brasileiro com muito orgulho, com muito amô-or!”, na substituição de “brasileiro” por “baderneiro”.

Ao utilizar o grito de torcida em questão, uma aforização, Tutty Vasques recorre a um enunciado que faz parte de um patrimônio social, pois não há menção de seu autor, sendo esse recorrente tanto em situações de torcida/jogos, como em marchas de protesto popular.

É preciso, aqui, lançar mão dos conceitos de captação e subversão propostos por Maingueneau (2005). Para o linguista, quando se faz uma alusão a um enunciado conhecido de uma comunidade e não há uma repetição *ipsis litteris*, mas sim uma imitação, esta alusão pode ocorrer via *subversão* ou *captação*.

Captação, de acordo com Maingueneau (2005), é a imitação que segue o mesmo sentido do texto, enunciado ou gênero original, buscando manter seu valor, sua autoridade. O analista (2005) utiliza o seguinte *slogan* para exemplificar a captação: “Os cães ladram, o Lee Cooper passa”, que retoma um provérbio conhecido, “Os cães ladram, a caravana passa”, mantendo seu sentido “original”.

Já a subversão desqualifica o texto imitado, muito comum em paródias, por exemplo. Para exemplificar o fenômeno, podemos utilizar um dos exemplos dados por Silva (2010): “Devagar... se chega atrasado” que caracteriza subversão do provérbio “Devagar se vai longe”.

Dessa forma, o texto *Escuta só!*, transcrito acima, apresenta um exemplo de anaforização/participação, e, neste caso, é inserida uma mudança que altera o que se espera ao ouvir esse hino. Nele, há a mudança de “brasileiro” para “baderneiro”, uma captação, já que mantém o sentido, tanto brasileiro como baderneiro têm orgulho de ser o que são. No *post*, é possível notar uma adesão ao posicionamento que se opõe ao discurso, segundo o qual os vândalos seriam uma minoria e àquele que defende que os manifestantes são baderneiros, indiciada pela expressão que retoma anaforicamente o termo “vândalo”.

Outro texto em que há aforização é “*Só o que faltava*”, publicado no dia 20 de agosto de 2013:

- (12) Tem pichação nova nos muros próximos à sede da Scotland Yard em Londres:
‘Where’s Amarildo?’ (VASQUES, *Só o que faltava*, 20 ago. 2013)

Como podemos observar, Tutty Vasques aposta no conhecimento do leitor sobre o *Caso Amarildo* e sobre a *Scotland Yard*, a polícia de Londres, que já foi considerada a melhor do mundo, devido ao seu sucesso em investigações.

O que fecha o *post* remete ao desaparecimento do pedreiro, Amarildo de Souza, que foi detido, por engano, pela polícia, durante a operação policial *Paz Armada*, sendo confundido com um traficante procurado. Não se sabe ao certo o que ocorreu quando estava sob a custódia da polícia carioca, mas depois de alguns dias, seu desaparecimento foi oficializado pela família. O caso tornou-se conhecido por simbolizar abuso de poder, pois os principais suspeitos são os próprios policiais, ganhando repercussão tanto em nível nacional quanto internacional. O enunciado “Onde está Amarildo?” passa então a circular de forma autônoma, sendo (re)conhecido por todos.

Podemos dizer, ainda, que se trata de uma captação, já que o autor retoma o enunciado e faz uma adaptação, sem perder seu sentido “original”. Por meio dela, produz-se o efeito de humor pretendido. No título “*Só faltava essa*”, o pronome demonstrativo retoma a pichação, a cidade de Londres, onde faltava o enunciado figurar. A escolha de uma cidade não brasileira sinaliza que a corrupção policial é um problema não apenas brasileiro, uma crítica indireta do autor.

O texto publicado em 4 de julho de 2013, intitulado *A luta continua*, exemplifica outro caso de aforização, captação via subversão. A postagem do colunista se refere à polêmica do “empobrecimento” de Eike Batista.

- (13) Tem frase nova de porta de banheiro nos toaletes da OGX:
“Eike endurecer \$em perder a ternura!” (VASQUES, *A luta continua*, 4 jul. 2013)

Neste trecho o humor é causado pela subversão da célebre frase: “Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura” (“Há que se endurecer sem perder a ternura”). O

colunista utiliza o nome “Eike” para ser lido com a pronúncia em espanhol, “Hay que”. A “endurecer” podem-se atribuir duas leituras: a “original”, tornar-se insensível, e a de ficar pobre, o efeito de sentido “pretendido”, que permite construir a ironia e a crítica, reforçadas pela troca da letra “s” da palavra “sem” por um cifrão “\$em”.

Outro caso de subversão está presente no texto *Sorria, você está protestando!*, publicado em 17 de julho de 2013. Vejamos um trecho da publicação:

- (14) [...] Nunca antes na história das manifestações contra-tudo-isso-que-aí-está o gigante acordou tão desopilado quanto no dia daquela festança de R\$ 2 milhões para celebrar o matrimônio da neta do empresário Jacob Barata, mais conhecido pelo carioca como o ‘Rei do Ônibus’. [...] (VASQUES, *Sorria, você está protestando!*, 17 jul. 2013)

Para sumarizar a situação, no período da publicação do *post*, os olhares da mídia estavam todos voltados para um evento, o casamento da neta de Jacob Barata, que acabou por se tornar “cômico”, tanto pela criatividade dos protestantes que estiveram em frente à cerimônia, realizada no Copacabana Palace Hotel, quanto pela reação do irmão da noiva, que jogou aviõezinhos de nota de R\$20,00 da sacada do hotel.

Diferentemente da maioria dos textos do autor, esse é um texto mais longo. Nele, o próprio título é a retomada de um enunciado conhecido, “Sorria, você está sendo filmado!”, com a alteração de “sendo filmado” por “protestando”. Podemos considerá-la um caso de captação, pois, como no enunciado, trata-se de um alerta, mas de um alerta direcionado àqueles que estão protestando: as câmeras devem estar flagrando suas imagens.

Nesse mesmo trecho, há, ainda, o uso de dois enunciados famosos: “o gigante acordou” e a fala do ex-presidente do Brasil, Lula: “nunca antes na história deste país”. A fórmula “o gigante acordou” se cristalizou e ganhou repercussão durante os protestos de 2013, fazendo referência ao Brasil como o gigante não mais inerte perante aos problemas sociais.

O outro enunciado, “nunca antes na história deste país”, é uma participação já que o blogueiro se vale de uma fala conhecida, sem mencionar seu autor. Mais uma vez, percebemos que, na construção de seus *posts*, Tutty Vasques se vale de frases que circulam desvinculadas dos textos onde figuravam.

Em *Responda rápido*, texto publicado no dia 14 de julho de 2013, há outro exemplo da estratégia de aproximação autor-leitor do *blog*. O tema da postagem é relacionado à Edward Snowden, o agente da NSA que denunciou o esquema de espionagem dos EUA e acabou se refugiando na Rússia. Com a situação, no auge de discussões, Tutty Vasques publica:

- (15) No lugar de Edward Snowden, entre Rússia e Venezuela, onde diabos você preferiria viver?
Está certo disso? (VASQUES, *Responda rápido*, 14 jul. 2013)

O humor decorre de o autor colocar como opção de resposta, lado a lado, dois países que não tem nenhum atrativo aparente. Isso se confirma quando conclui o texto com a retomada da expressão “Está certo disso?”, enunciado bastante conhecido, que reforça a

situação “sem saída” lançada para o leitor. O *post* materializa um posicionamento contrário aos países mencionados (incluindo seu regime político), oposição indiciada pela ironia que sua leitura permite construir. Assim como os apresentados anteriormente, à voz que enuncia o leitor associa um *ethos* pândego e debochado, de quem brinca e zomba com temas polêmicos.

Considerações Finais

Como assinalado anteriormente, os textos do colunista e blogueiro Tutty Vasques recorrem a temas atuais às publicações, temas “sérios” e polêmicos que se materializam nos enunciados que compõem os *posts*, deslocados de seus campos discursivos originais pelo autor. Assim, o que circulava nos campos religioso, político e econômico é inserido no campo do humor.

Para a análise dos textos, alguns conceitos foram mobilizados, como o de destacabilidade, que abrange questões de sobreasseveração e aforização, propostos por Maingueneau (2008, 2012). Como observamos, há grande presença de aforizações e participações, o que nos permite afirmar ser esse um traço do estilo do autor.

Para observar como os enunciados aforizados eram incorporados aos textos do autor, recorreremos ao conceito de captação e subversão, propostos por Maingueneau (2005). Vimos que os enunciados sofrem transformações (troca de expressões, de “pronúncia” etc.) que participam da construção do efeito irônico e crítico. Ainda, durante a análise, mobilizamos o conceito de heterogeneidade discursiva, para descrever as vozes do “outro” que se fazem presentes nos *posts* do autor (caso das aspás e da ironia, principalmente).

Apontamos, também, como característica de estilo a interlocução direta do autor com seu leitor, que permite criar uma espécie de cumplicidade entre as duas instâncias. Essa cumplicidade presumida explica a inserção de uma série de informações nos textos, informações essas que seriam conhecidas apenas por um dado público.

No que diz respeito ao *ethos*, verificamos que a leitura dos textos permite ao leitor elaborar uma imagem de autor, associar a ela um tom irônico, brincalhão e zombeteiro. Assim, os recursos apontados, que tomamos como marcas do estilo do autor, são responsáveis pelo humor que marca a coluna de Tutty Vasques. Nesse sentido, o *slogan* da coluna e do *blog*, “Má notícia é a maior diversão”, é bastante apropriado.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa, Presença/Martins Fontes, 1970. 121 p.
- AUCLIN, A. Ethos et expérience du discours : quelques remarques. In: WAUTHION, M.; SIMON, A. C. (orgs.). *Politesse et idéologie. Rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelles*. Louvain, Peeters "BCILL", 2002. p. 77-95.
- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité(s) énonciative(s). In: *Langages*, ano 19, n.73, 1984. Les Plans d'Énonciation. p. 98-111. Disponível em:

<http://www.persee.fr/doc/AsPDF/lgge_0458-726x_1984_num_19_73_1167.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2015.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. 120 p.

MAINGUENEAU, D. *Análise de Textos de Comunicação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 238 p.

_____. Aforização, enquadramento interpretativo e configuração humanista. In: MOMESSO, M. R. et al. (org.). *Discurso e linguagens: objetos de análise e perspectivas teóricas*. v.6, p. 15-35, 2011. Coleção Mestrado em Linguística. Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/view/542>>. Acesso em: 19 mai. 2014.

_____. *Cenas da enunciação*. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 184 p.

_____. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 207 p.

_____. Formação discursiva. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da Tradução: Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 240-242.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007. 100 p.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. 287 p.

POSSANTI, S. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. 152 p.

_____. Discurso humorístico e representações do feminino. *Estudos da Língua(gem)*. v. 5, p. 63-94, 2007.

_____. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010. 183 p.

_____. Corinthians, jogai por nós: fórmulas alteradas. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. *Fórmulas Discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 59-67.

_____. Humor e grandes frases. In: POSSENTI, S.; NAVARRO, P. (org.). *Estudos do texto e do discurso: práticas discursivas na modernidade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 215-232.

SILVA, L. S. A constituição do riso pela transgressão do gênero do discurso. *Revista Gatilho, Juiz de Fora*, v.10, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2010/06/silva.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

VASQUES, T. *Tutty Humor: Má notícia é a maior diversão*. 2013. Publicações entre Junho e Dezembro de 2013. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/tutty/>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

Recebido em: 05/10/2015

Aprovado em: 01/04/2016